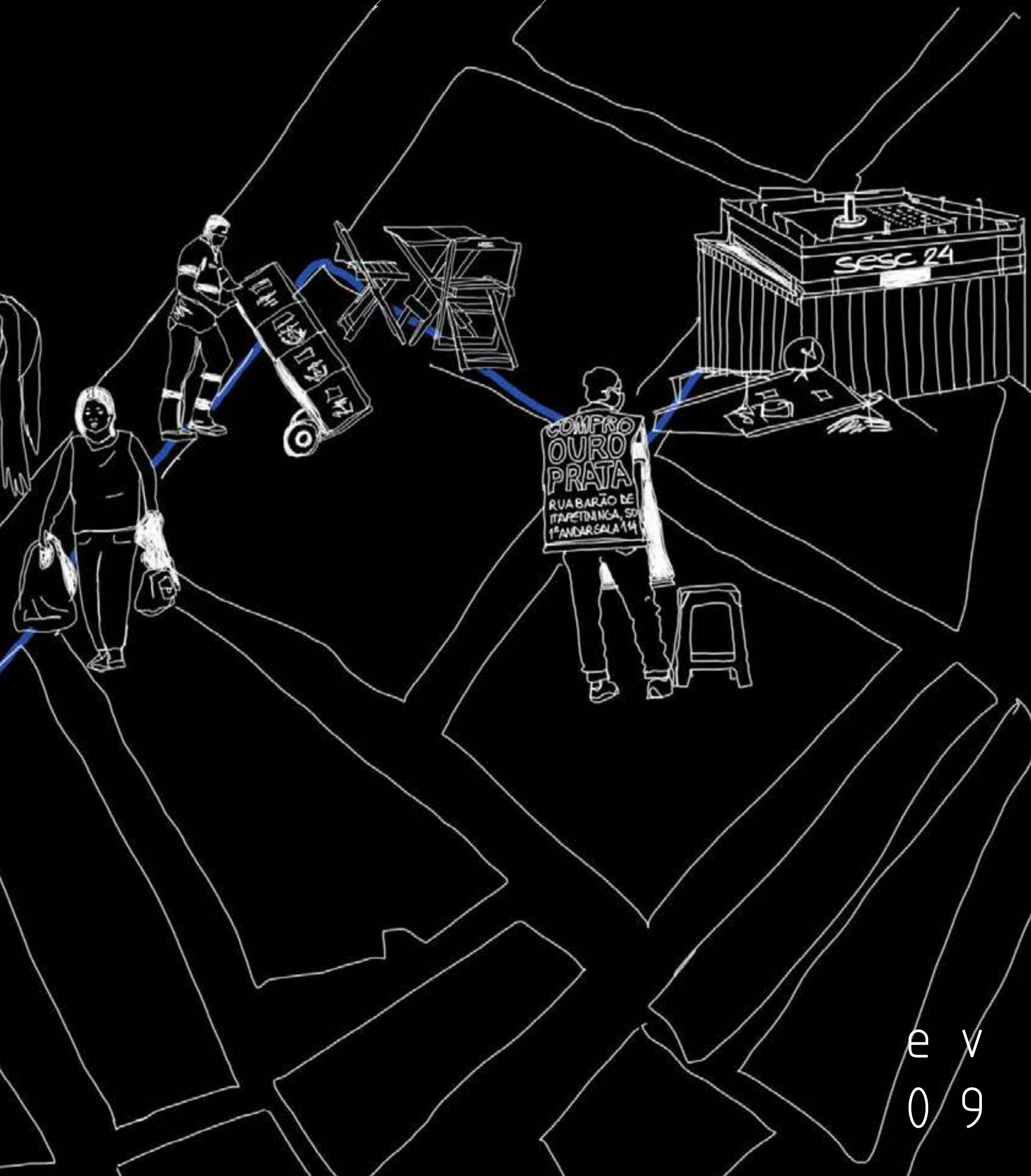


impressões pessoais
sobre o habitar paulistano



EV
09

grupo:

Carolina Cukier, Cítia Ito, Eduardo Baltazar, Júlia Alves
Luisa Teperman e Manoela Ambrósio

orientadores:

Felipe Noto e Ana Paula Siqueira



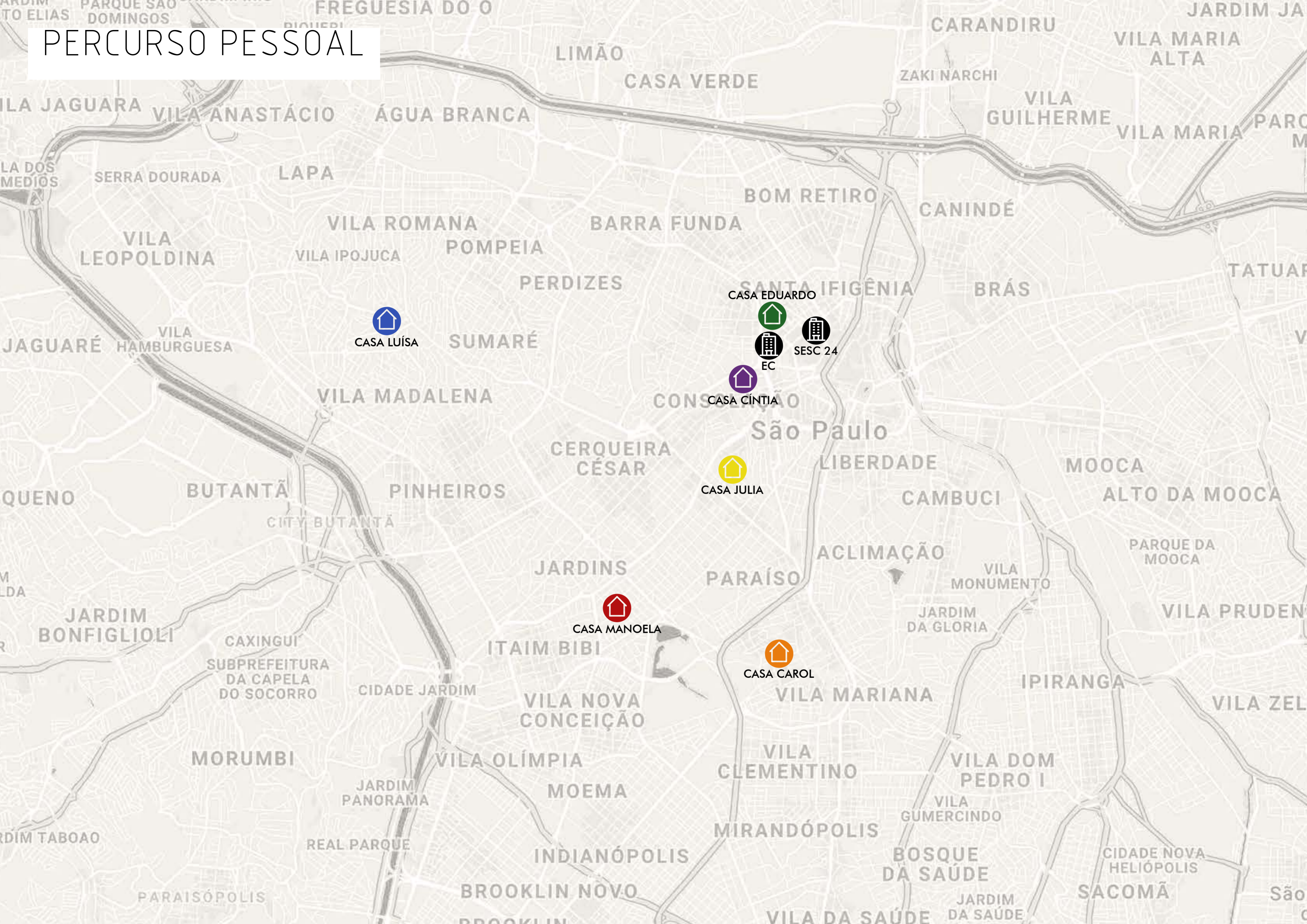
Ao refletir em uma leitura particular sobre o que é morar, principalmente nesse momento pandêmico em que somos forçados a adotar uma vida doméstica, acabamos percebendo que esse habitar não se refere apenas a nossa casa, o lugar onde dormimos, comemos, tomamos banho e etc, mas sim uma série de espaços que trazem esse sentimento.

Tendo essa como premissa inicial do nosso trabalho, decidimos aproveitar essa reflexão como forma de reviver e/ou trazer mais pra perto esses sentimentos familiares e confortantes, e que de alguma forma faziam parte do nosso cotidiano.

A partir disso, começamos a discutir sobre como essas imagens do nosso dia a dia podem nos parecer indiferentes no decorrer do tempo, mas como fazem parte do nosso habitar e agora nos damos por falta disso, percebemos o quanto existentes são essas cenas em nossa memória afetiva.

Com essa ideia clara em nossas cabeças, elaboramos uma série de mapas com dois trajetos por pessoa, um é o caminho da sua casa até a EC e mais um outro que tenha familiaridade, e neles apontamos, por meio de desenhos, algumas dessas cenas que se apresentam cotidianamente. Essas cenas foram escolhidas para dialogar sobre um olhar paulista e com experiências que se entrelaçam, podendo encontrar situações comuns que acontecem todos os dias no cotidiano da cidade

PERCURSO PESSOAL



CASA LUÍSA

CASA EDUARDO

SESC 24

EC

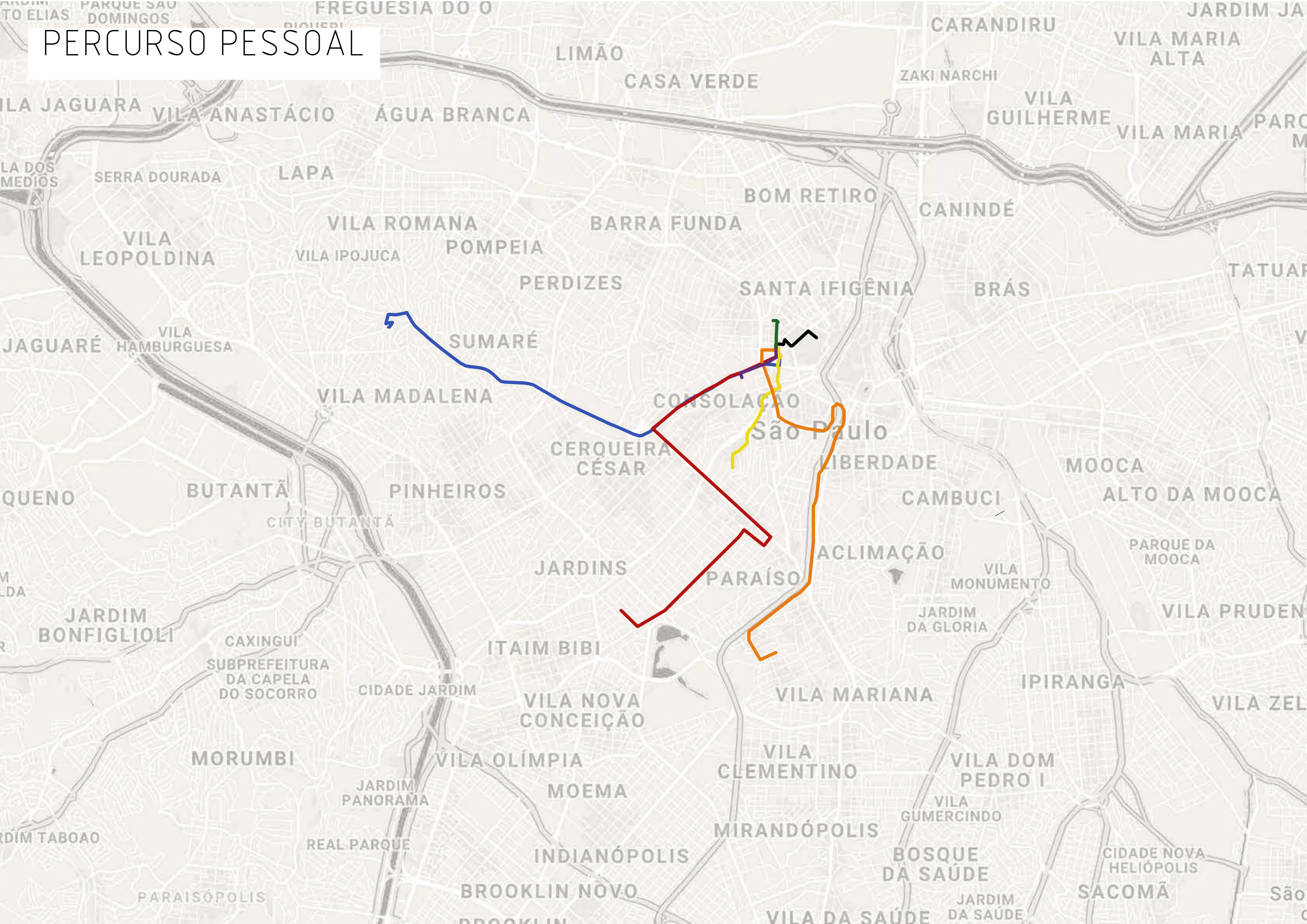
CASA CÍNTIA

CASA JULIA

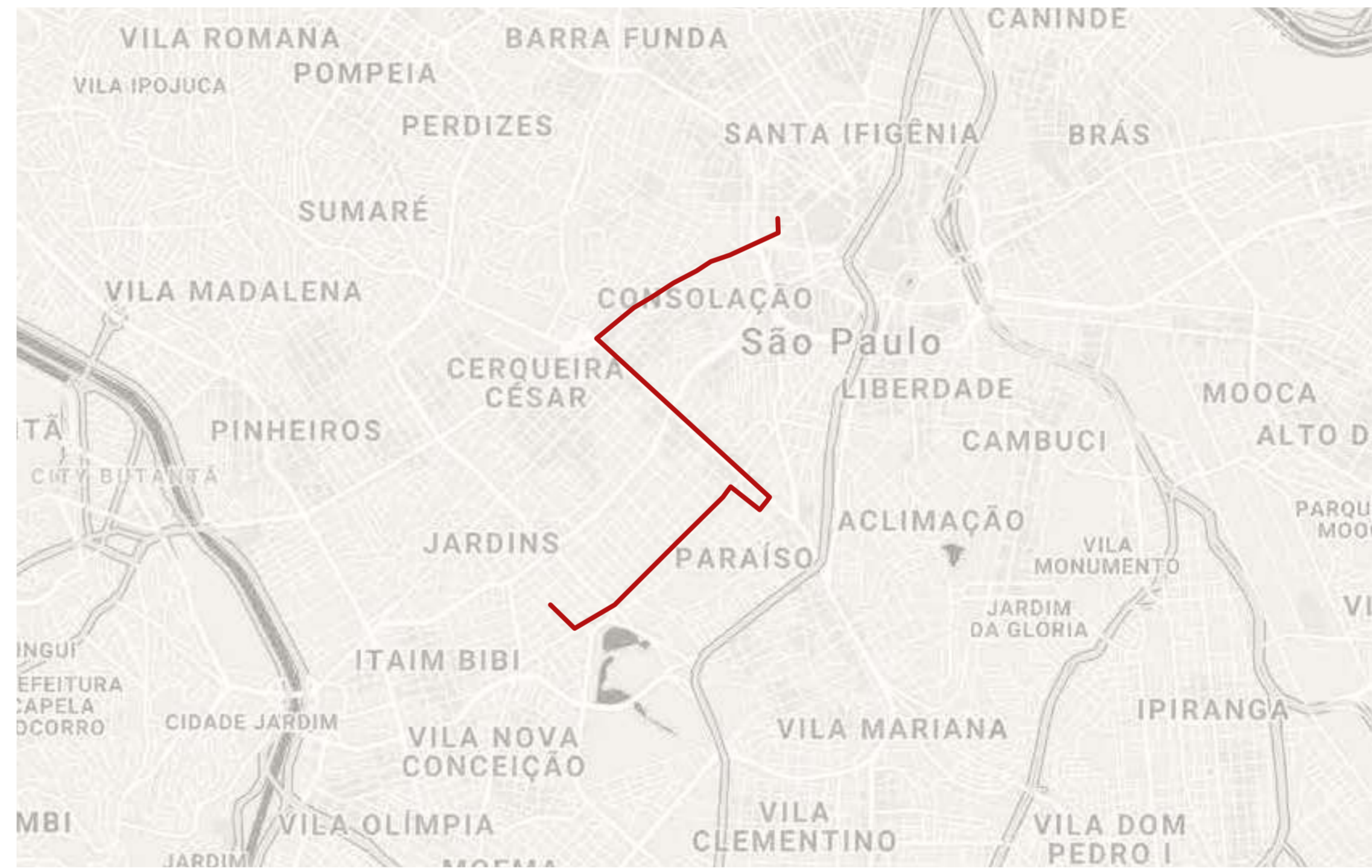
CASA MANOELA

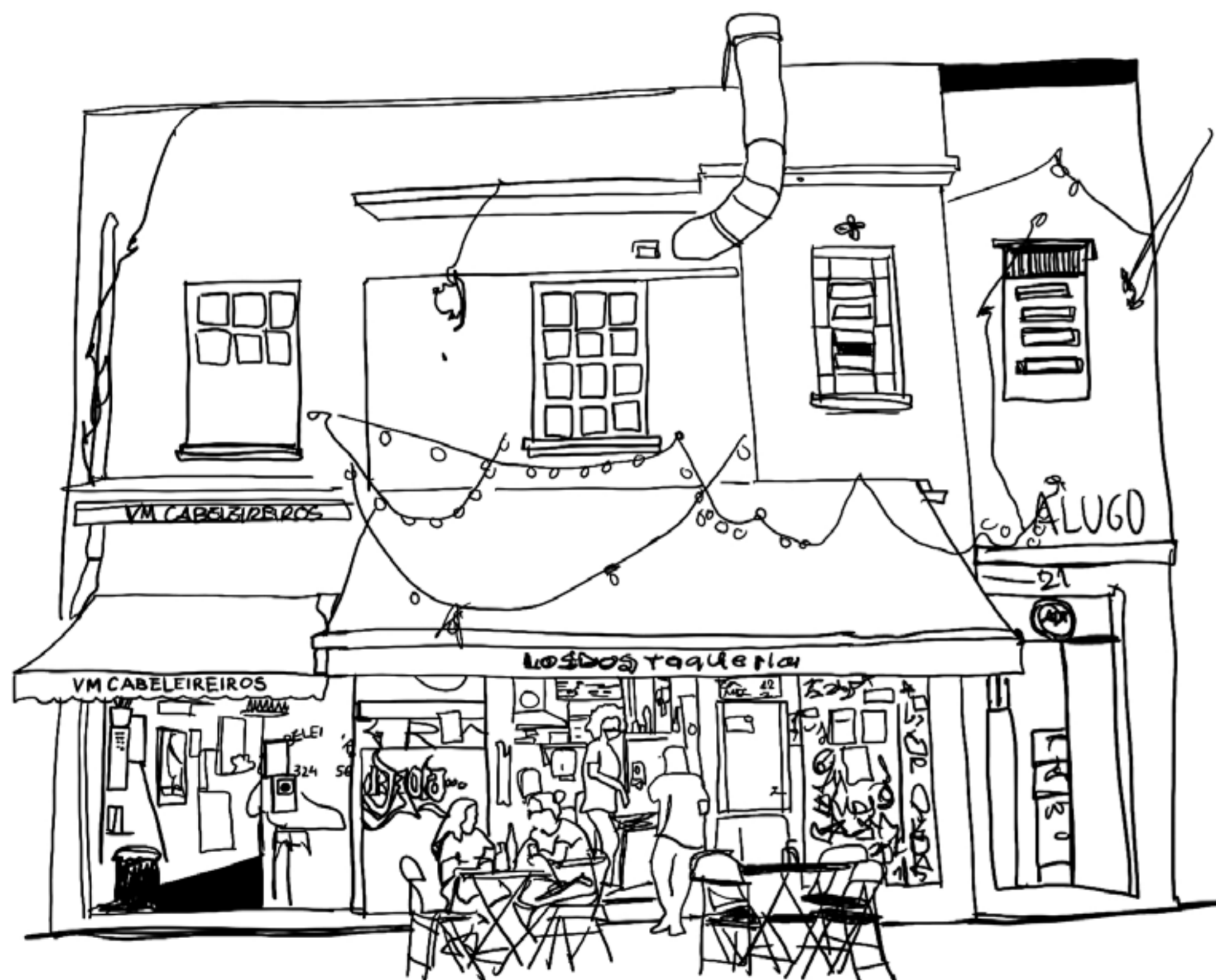
CASA CAROL

PERCURSO PESSOAL



M A N O E L A

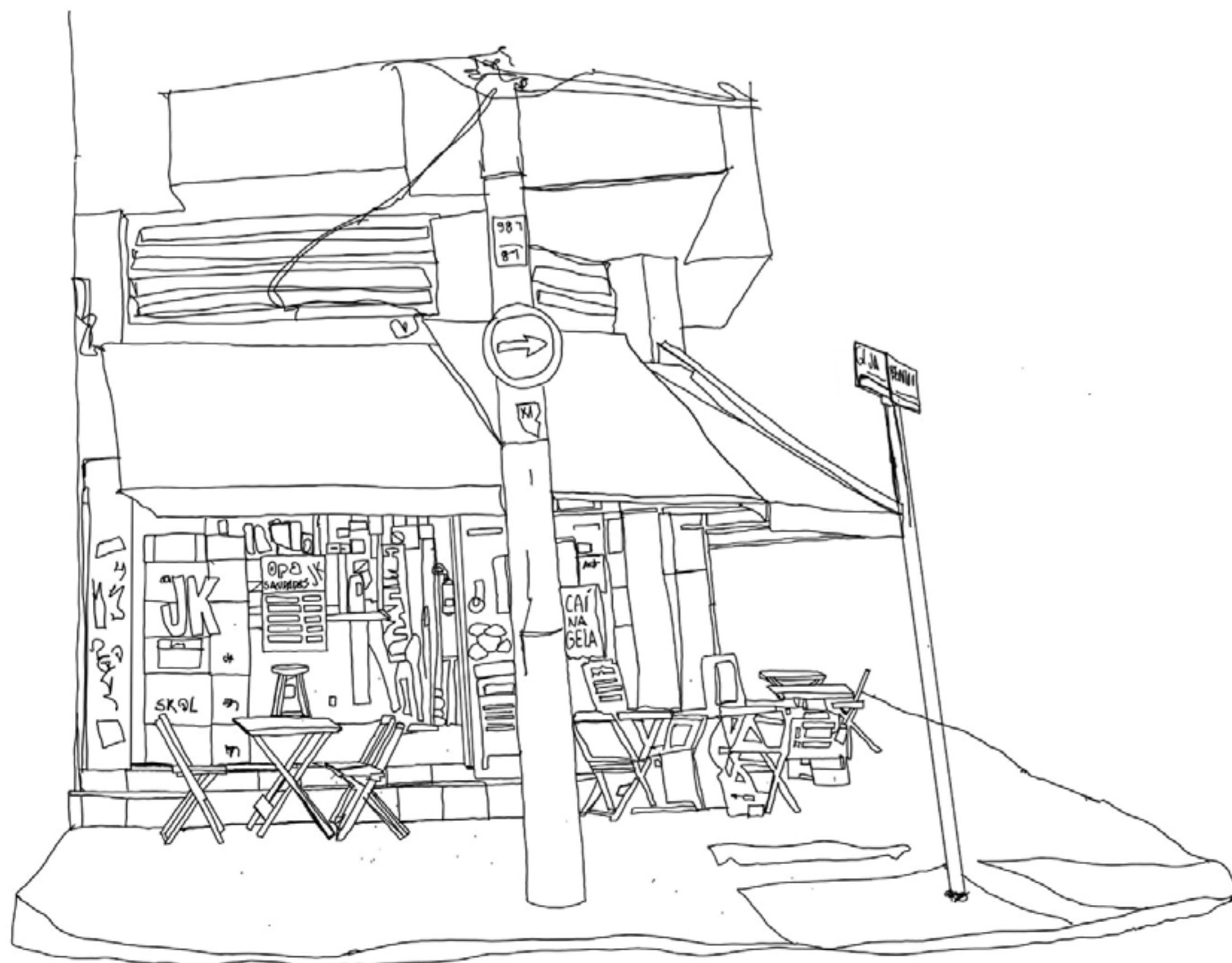




possibilidades de usos no mesmo
contexto,
uma barbearia
em baixo de
uma moradia
do lado de
um restaurante

sobreposições de camadas

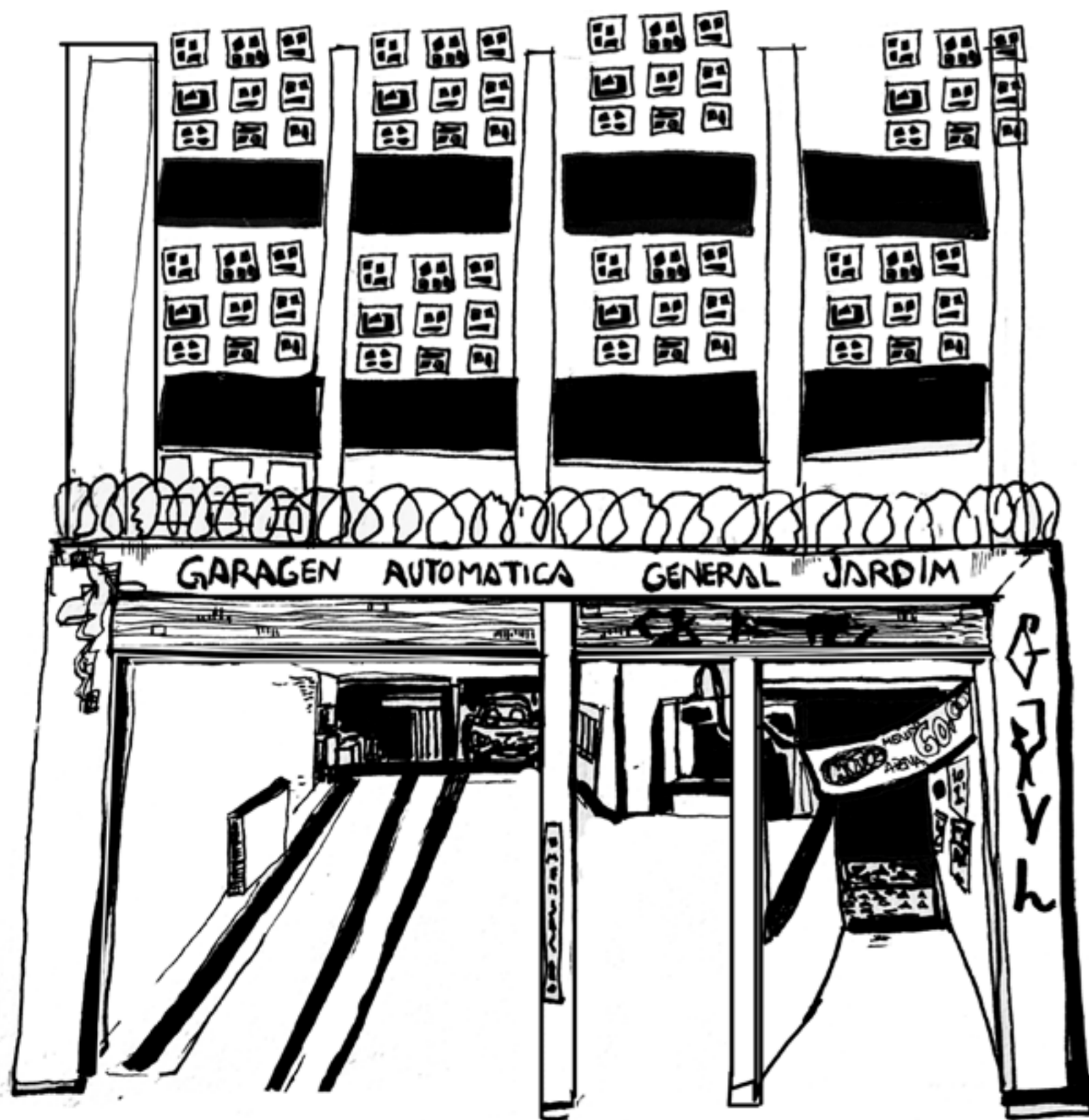




O bar da esquina que está
presente em toda a cidade e
no morar de muitas pessoas

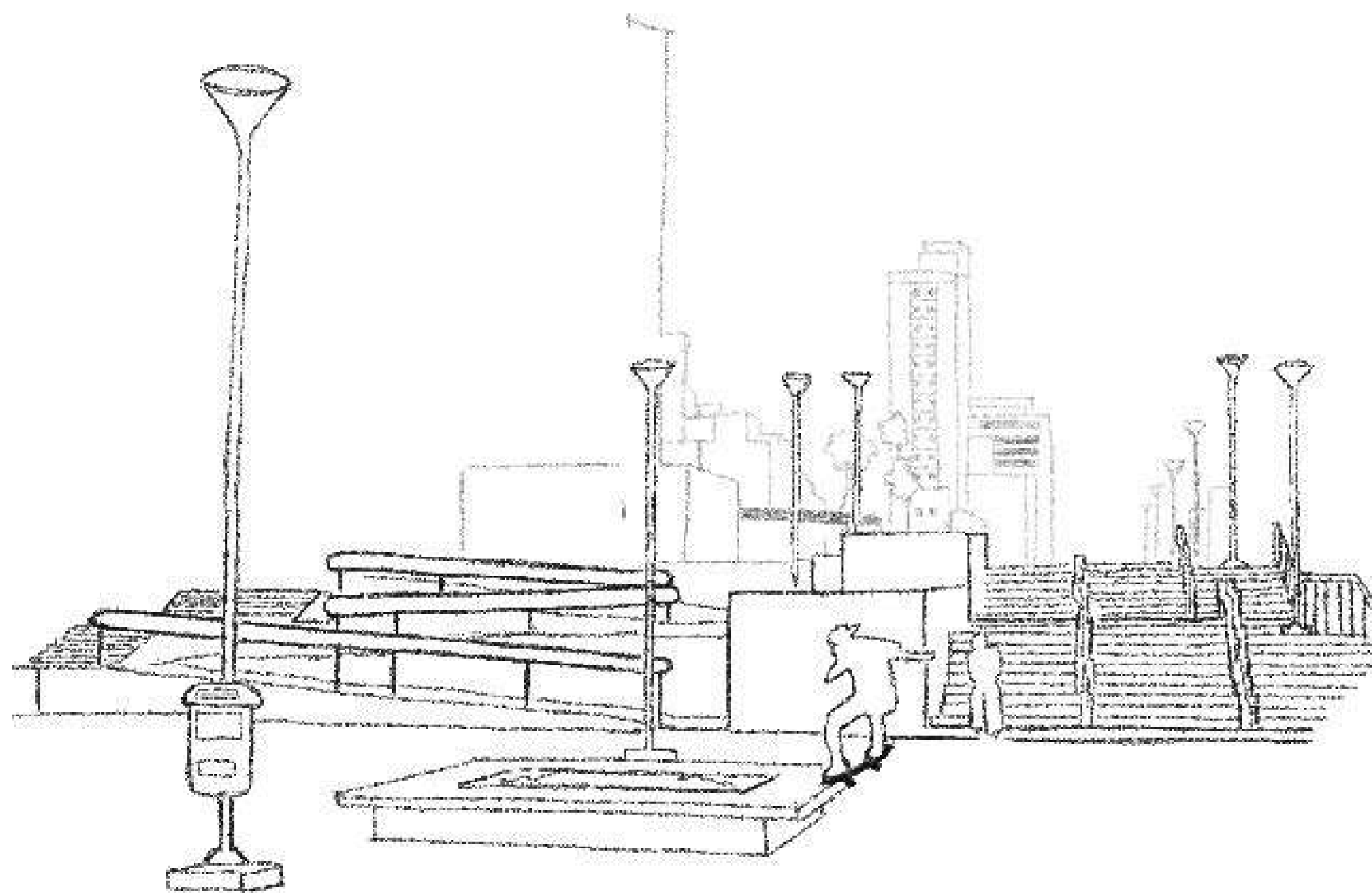
Momento de reflexão sobre o morar

residencial automotivo

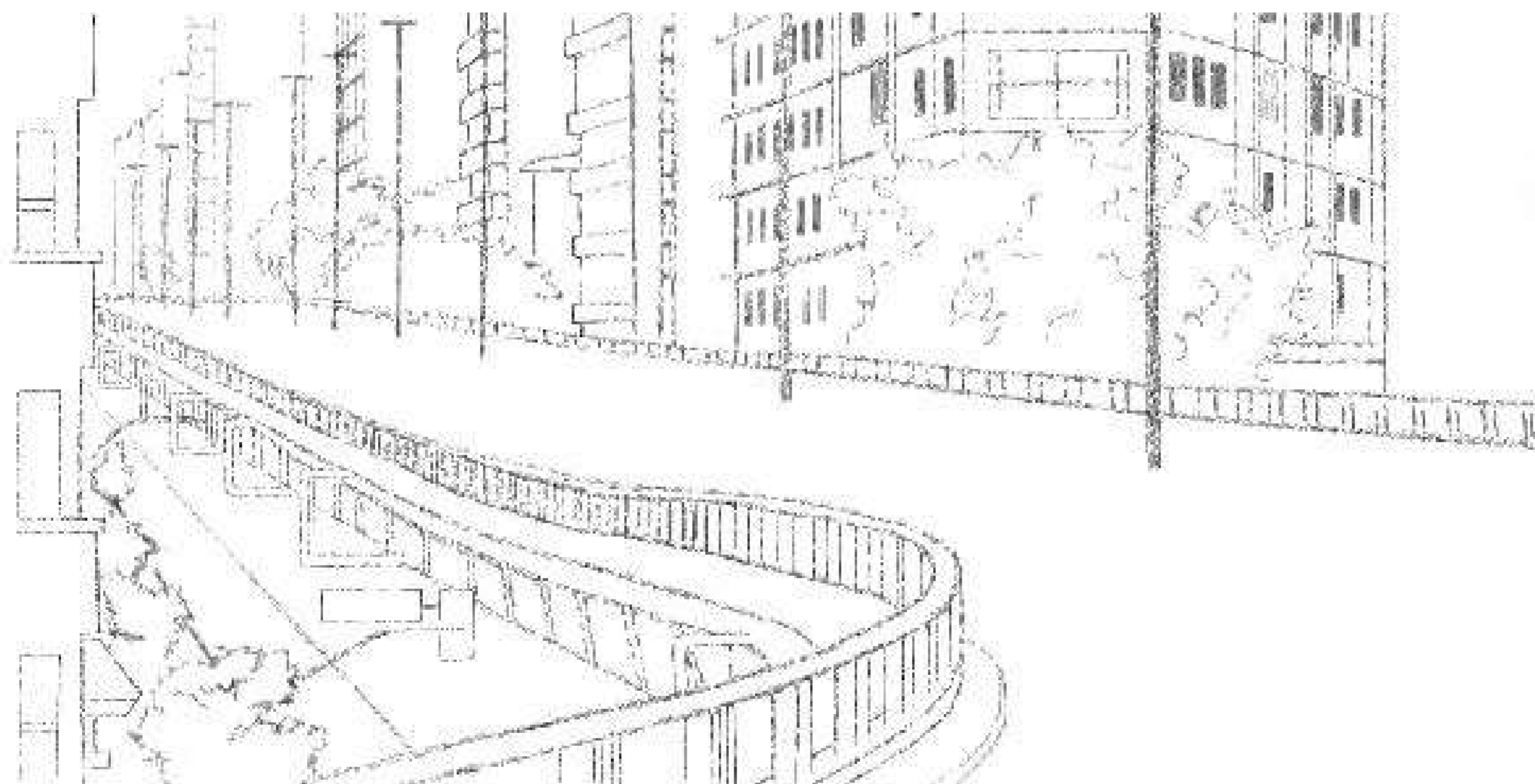


C Í N T I A





Antes era skate pra lá, skate
pra cá e hoje aonde está?

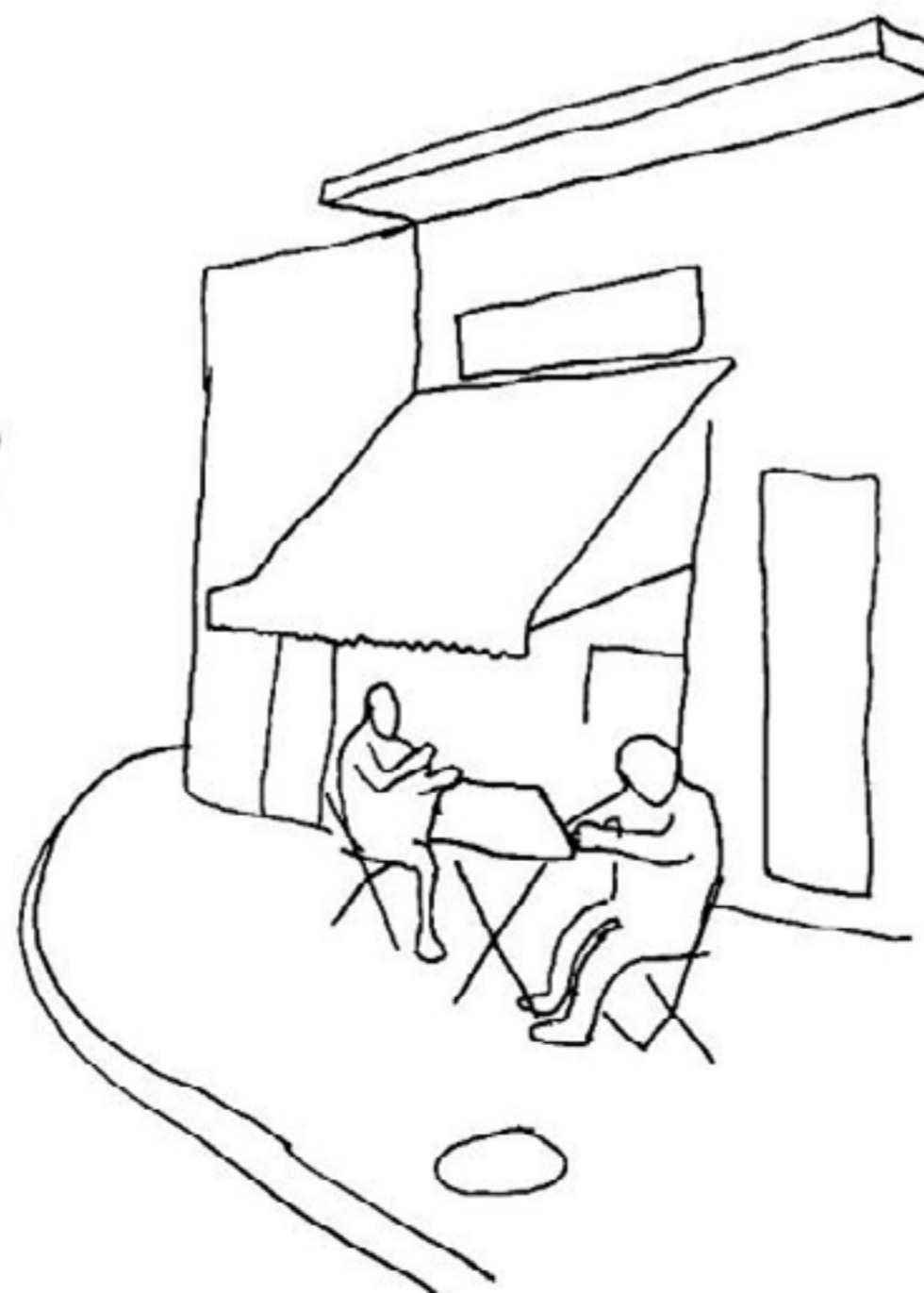
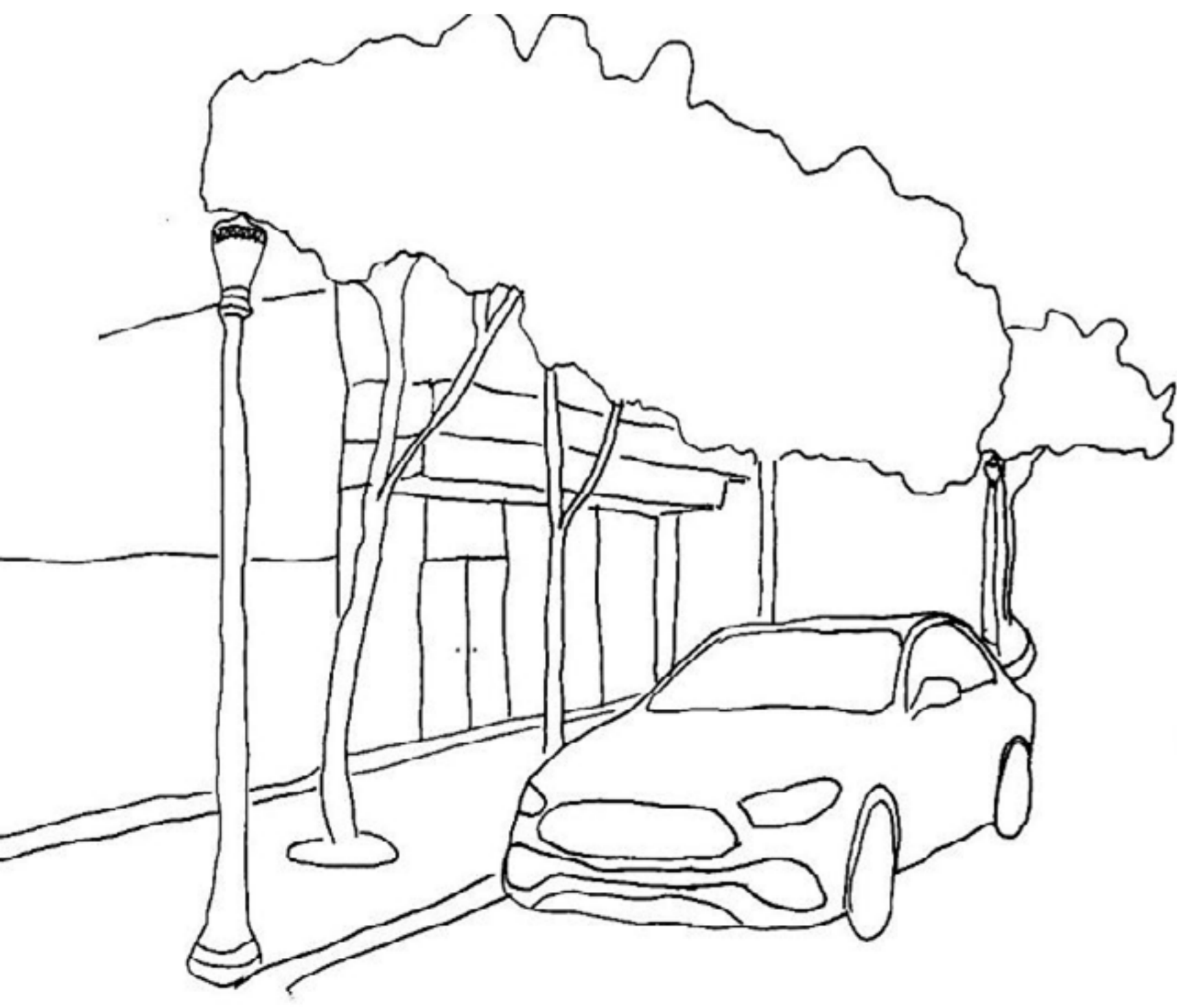


Passando pela Rua da Consolação e olhando para o Minhocão é só imaginação de como fica aos domingos por ali. Pessoas correndo, pedalando, andando, conversando, expondo arte, trabalhando, andando de skate entre outras mil e umas imaginações.

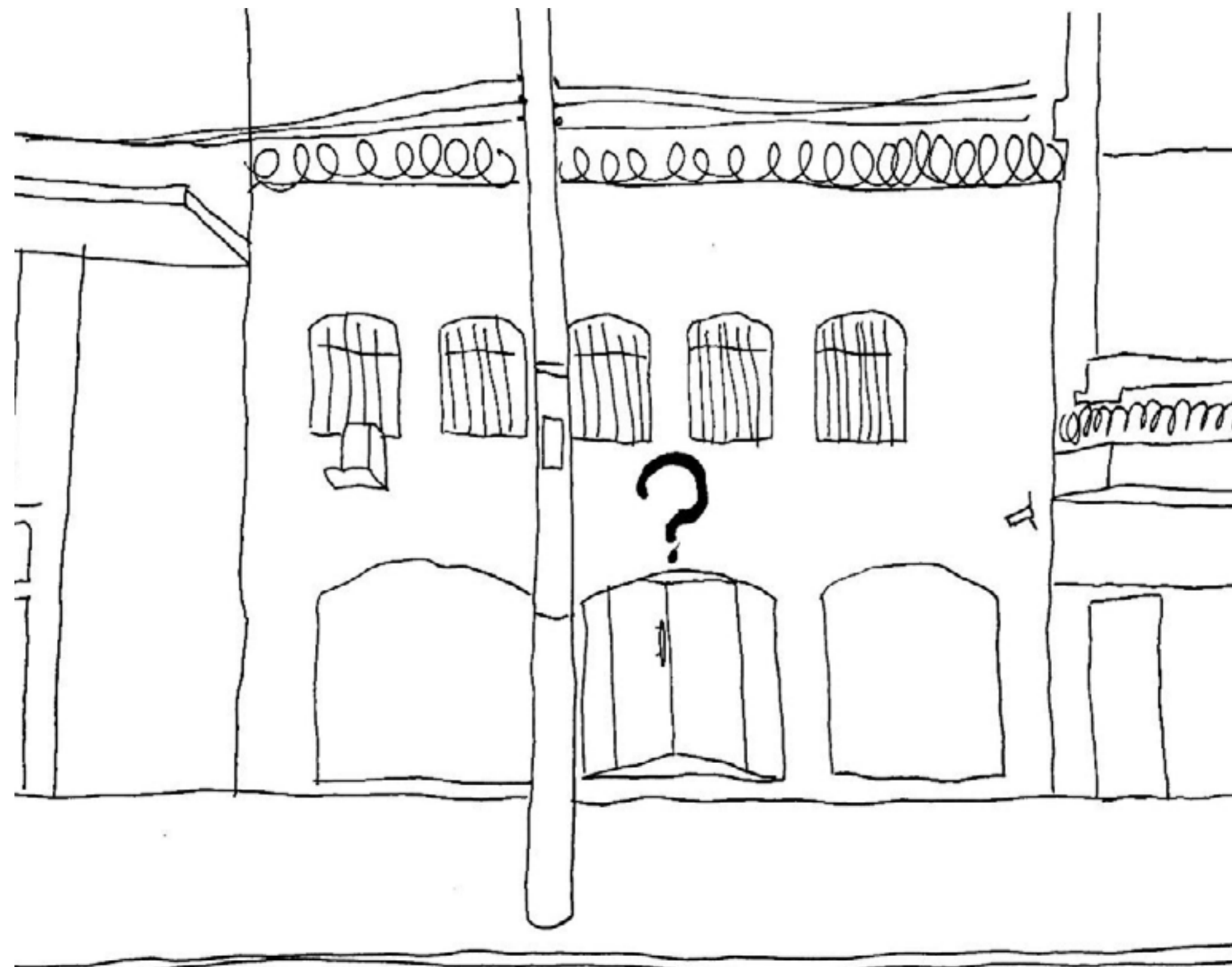
E D U A R D O

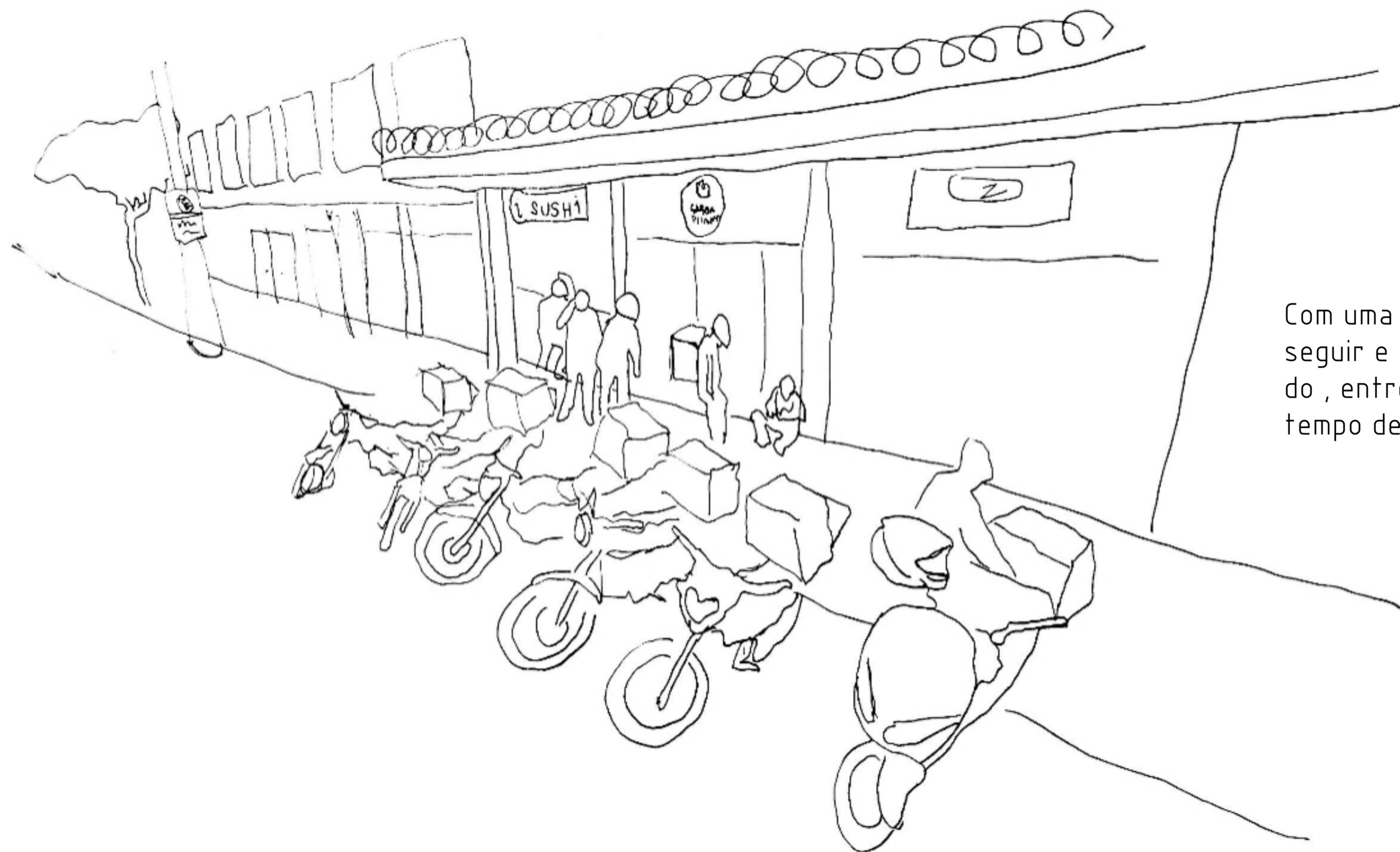


A Champs-Élysées contra a boa e velha boemia paulistana



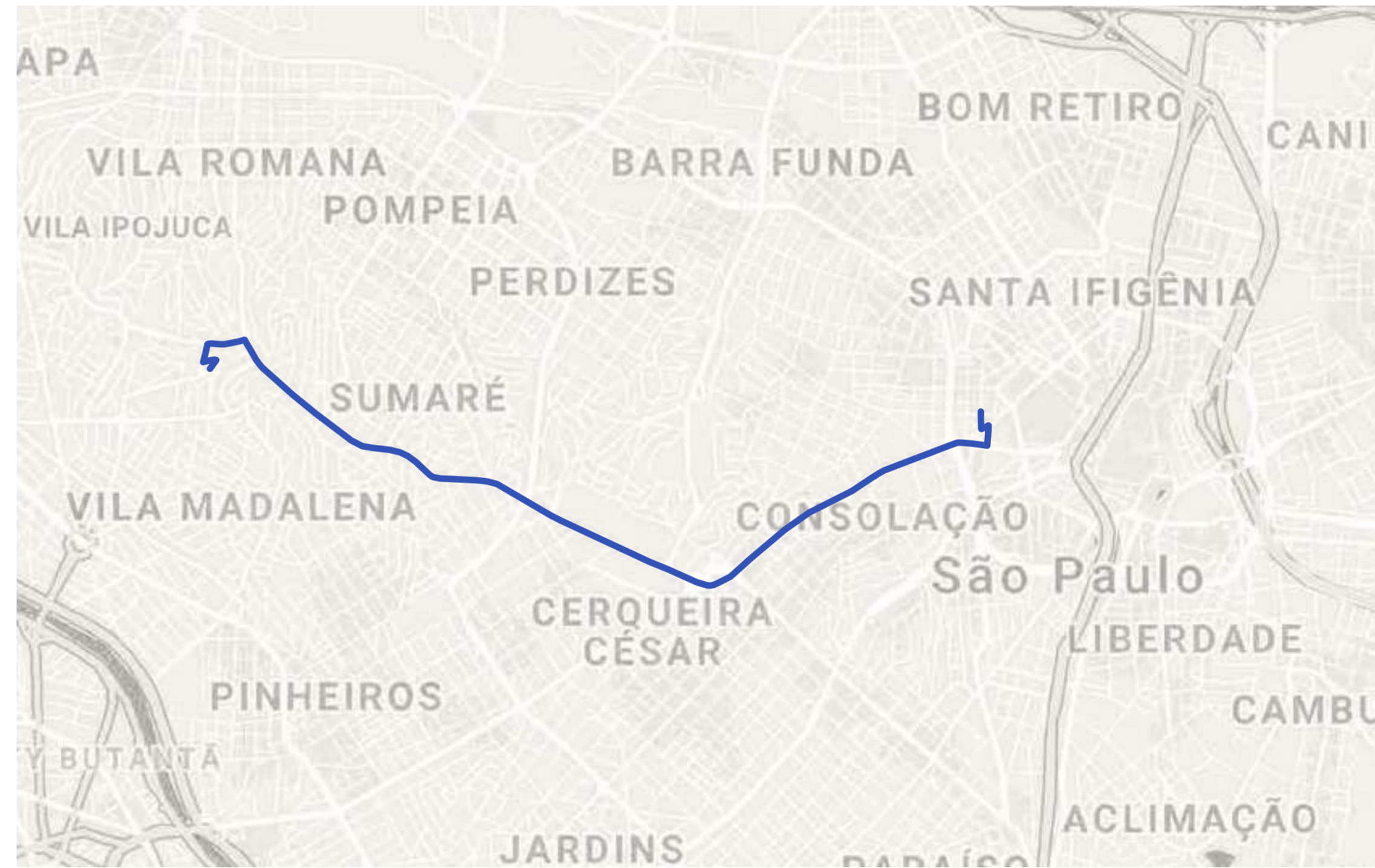
Pessoas se enfileiram em frente a esse bloco cinza. Com seguranças e uma porta de ferro em V, se é resguardado o que ocorre no seu interior

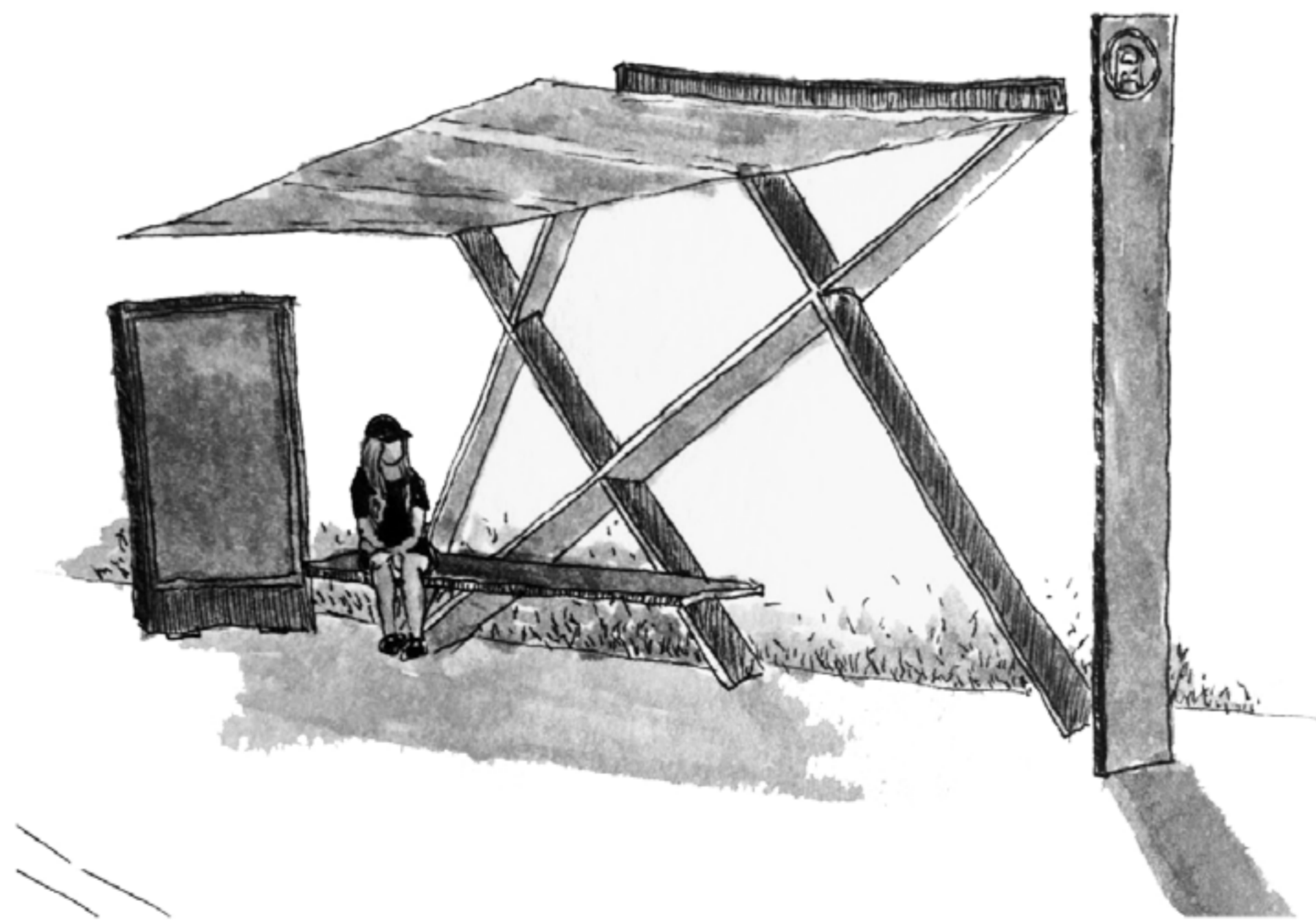




Com uma mala das costas, um caminho a se seguir e uma comida que vai se esfriando, entregadores aguardam na sarjeta o tempo de preparo do prato

L U I S A



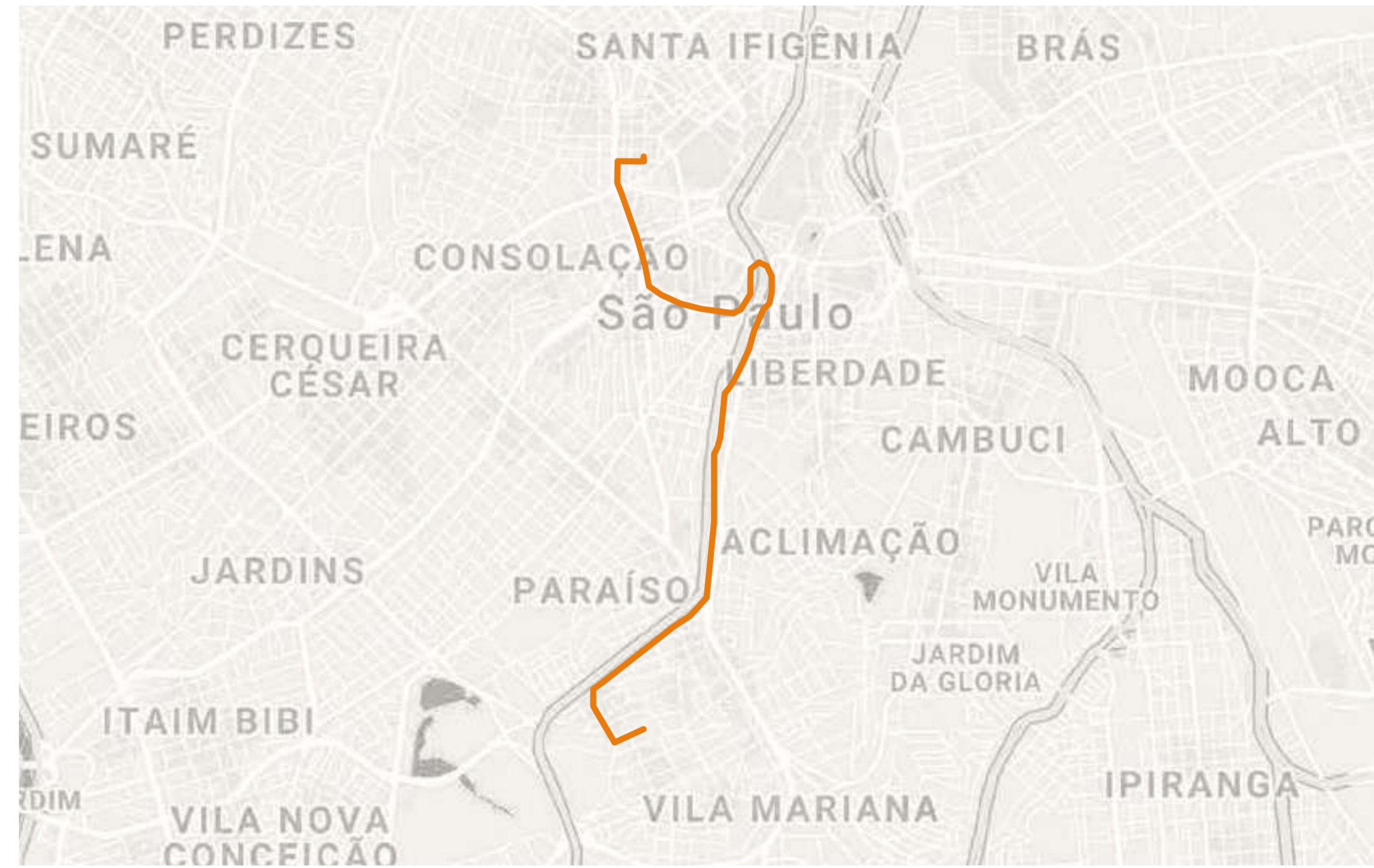


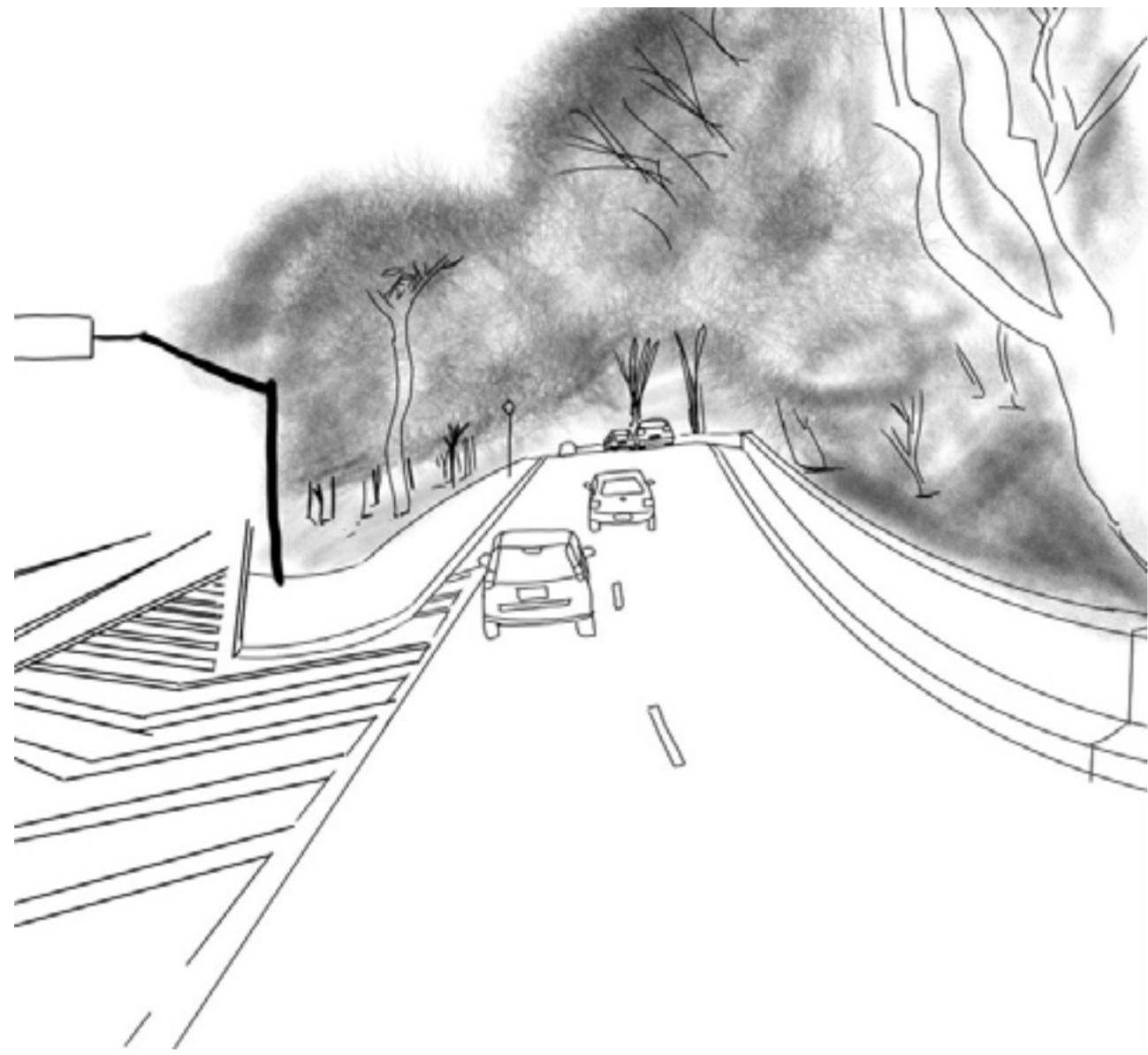
A experiência de dividir um trajeto com um completo desconhecido, fazendo com que esta pessoa - a qual não sei nada além do fato de que por alguma coincidência pega o mesmo ônibus que eu, todos os dias no mesmo horário - se transforme em um rosto familiar no meu cotidiano.



transposição alternativa da Sumaré

C A R O L

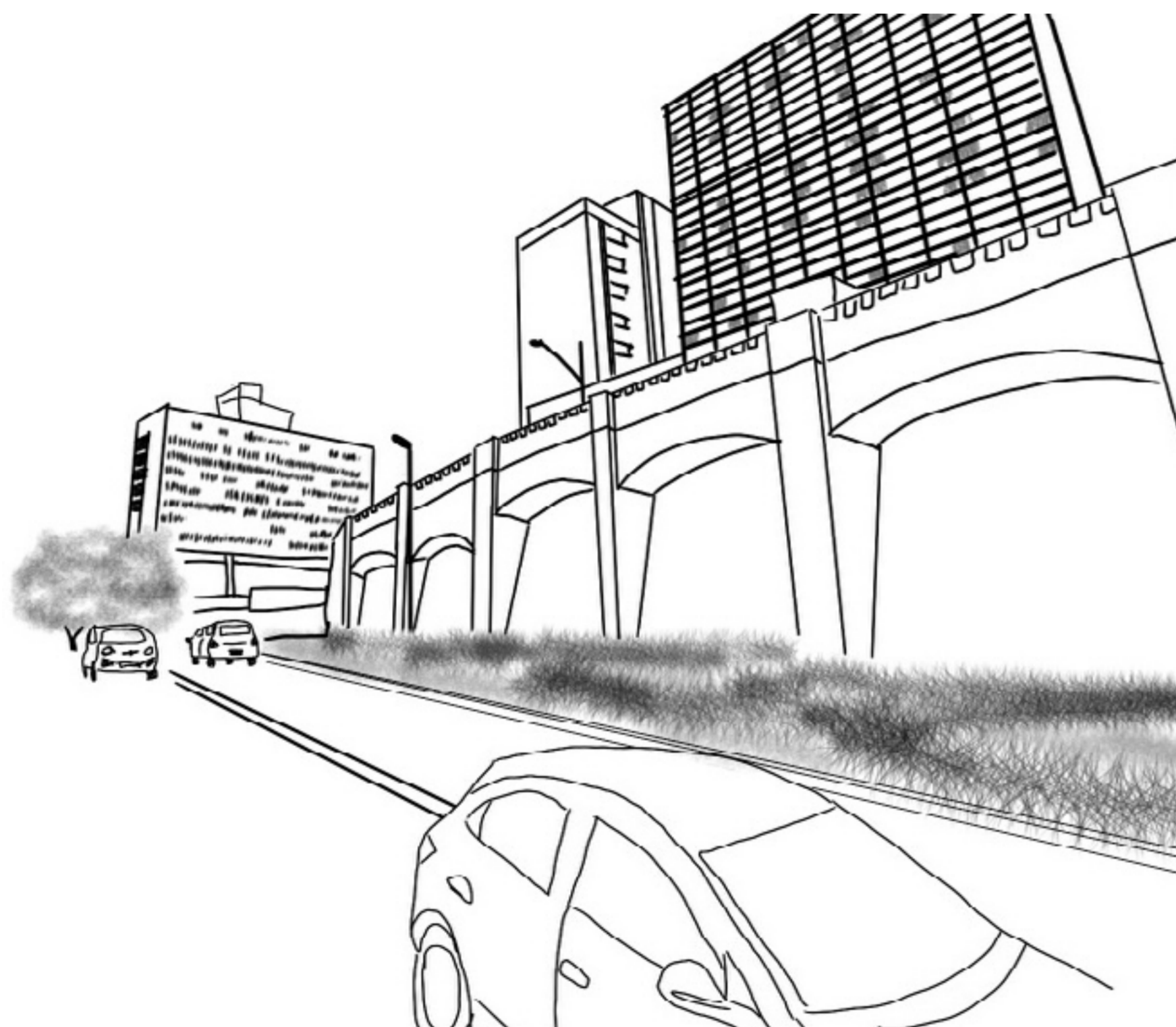




Desde pequena quando passava por essa saída da 23 de Maio, os carros em alta velocidade na subidinha, dava um frio na barriga. Me sentia em uma montanha russa!

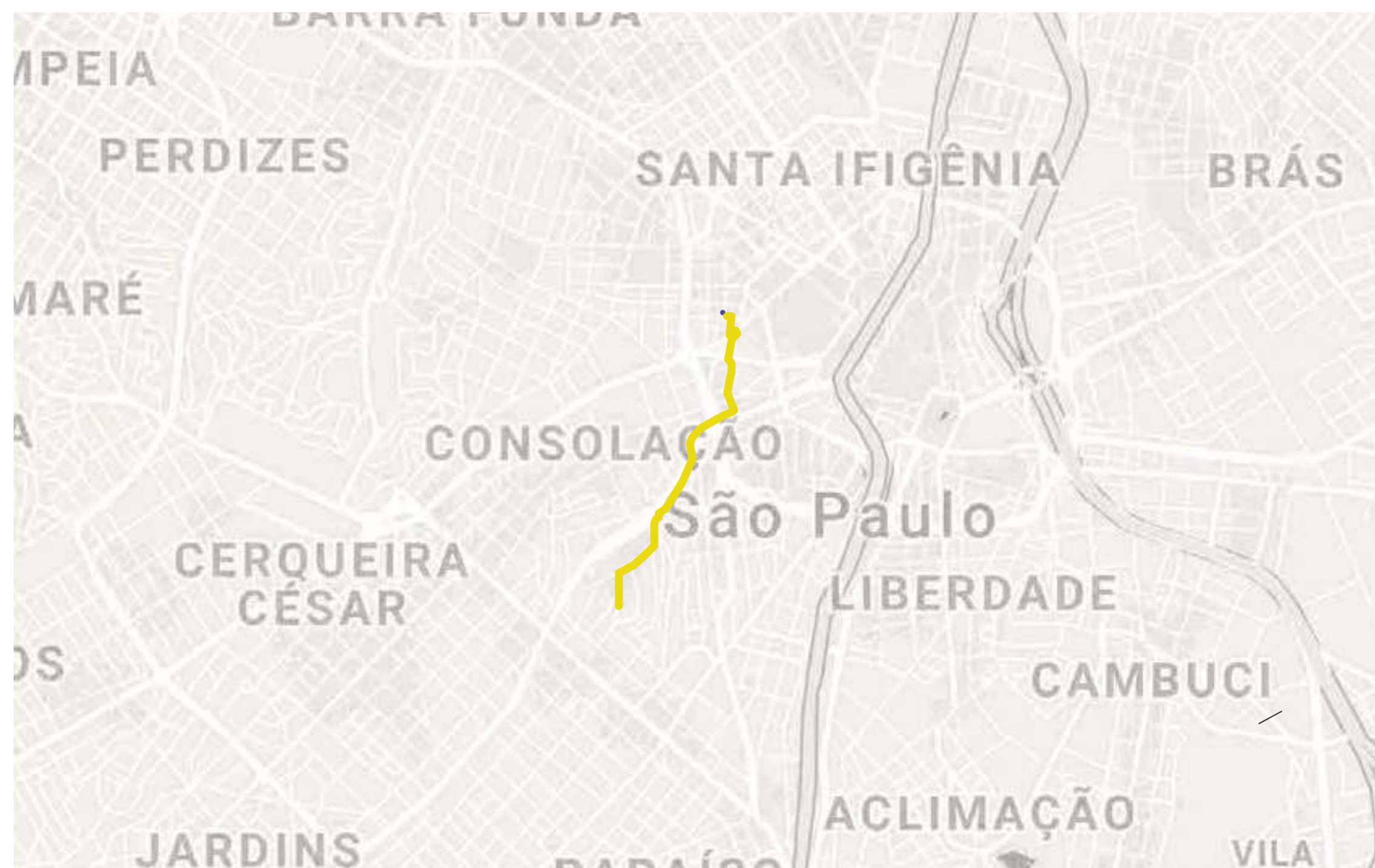


Essa casa é recente, antes da pandemia não estava lá, desde que voltei a passar por esse caminho é impossível não reparar na casa elevada. Diferente de todas as outras barracas que estão em volta, uma casa única. Aparenta ser uma casa como qualquer outra, um lar que foi construído parte por parte, pensando em todos os pequenos detalhes. Uma engenharia inteligente para prender essa casa. Sinto que a pessoa valoriza demais esse espaço, uma sensação do morar com muita identidade e personalidade, mas ao mesmo tempo misteriosa embaixo do minhocão.



Os famosos Arcos do Jânio – que eu chamava de Ponte dos Arcos – já passou por diversas fases e mudanças. Já foi colorido, pichado e grafitado; moradia de algumas pessoas; cercado para evitar que ficassem por lá; e cheio de lixo. Atualmente é cinza, assim como a 23 de Maio por trás do verde. É um monumento histórico, mas agora sem vida, sem cores, sem a personalidade de antigos moradores ou artistas que passavam por lá.

J Ú L I A



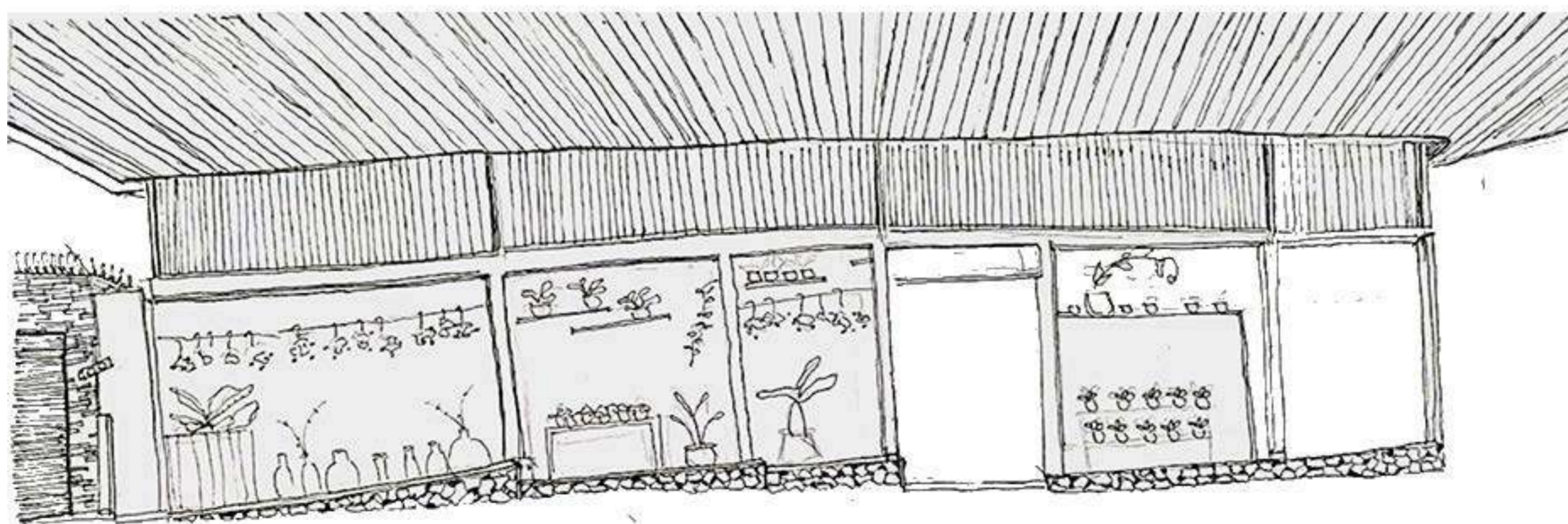


Sem espaço, sem um fôlego, concretadas abraçadas, sensações compartilhadas, estrutura invertida uma à outra.

Não há diálogo
é um violento rasgo
uma interrupção brusca
bruta
no prólogo entre cidade e
cidadão



aonde nao tem sol e onde têm flores



CAMINHO COLETIVO

PRAÇA DA REPÚBLICA

Rua do Arouche

Rua Marquês de Itu

Av. Ipiranga

Rua 24 de maio

SESC 24

SESC 24

Rua Barão de Itapetininga

ESCOLA DA CIDADE

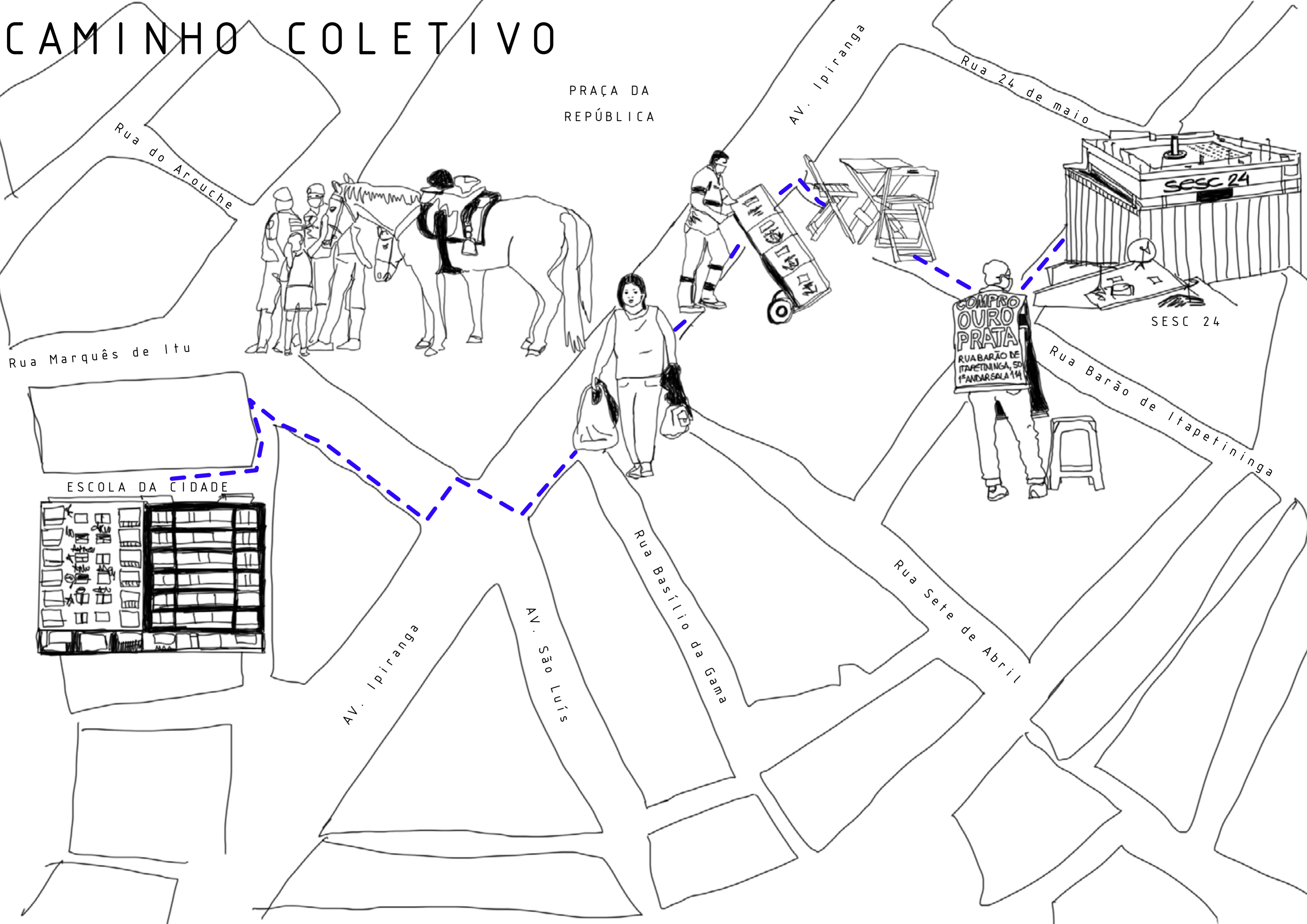


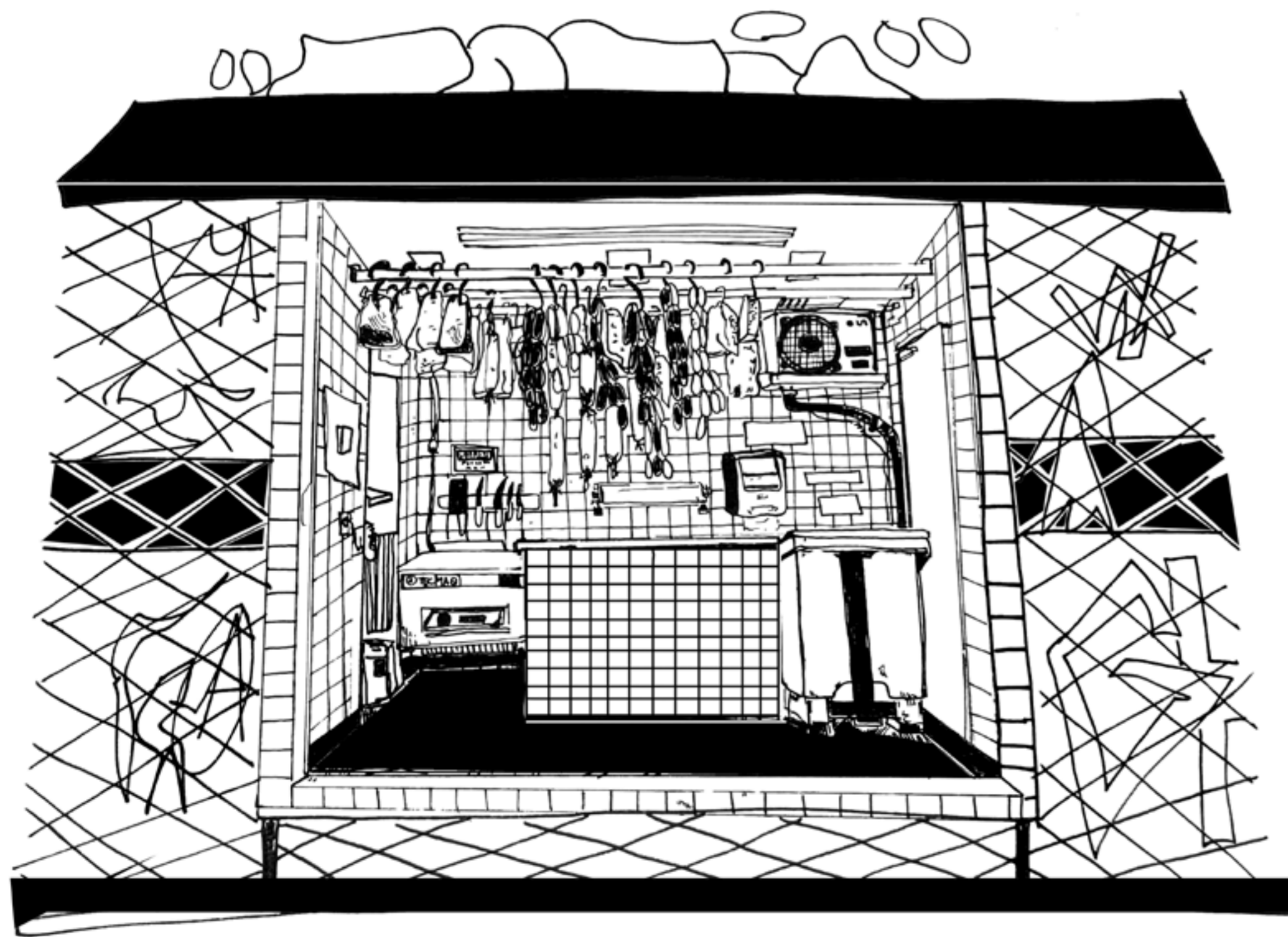
Av. Ipiranga

Av. São Luís

Rua Basílio de Gama

Rua Sete de Abril





tudo a mostra

Não tem nada mais BR do que
uma banca cheia de tralhas





Passando pela Praça da República é um respiro, um recorte no meio do caos, cheio de árvores com um simpático Coreto no centro. Você sente que está em um lugar leve, com natureza em volta. Uma quebra na correria do cotidiano.



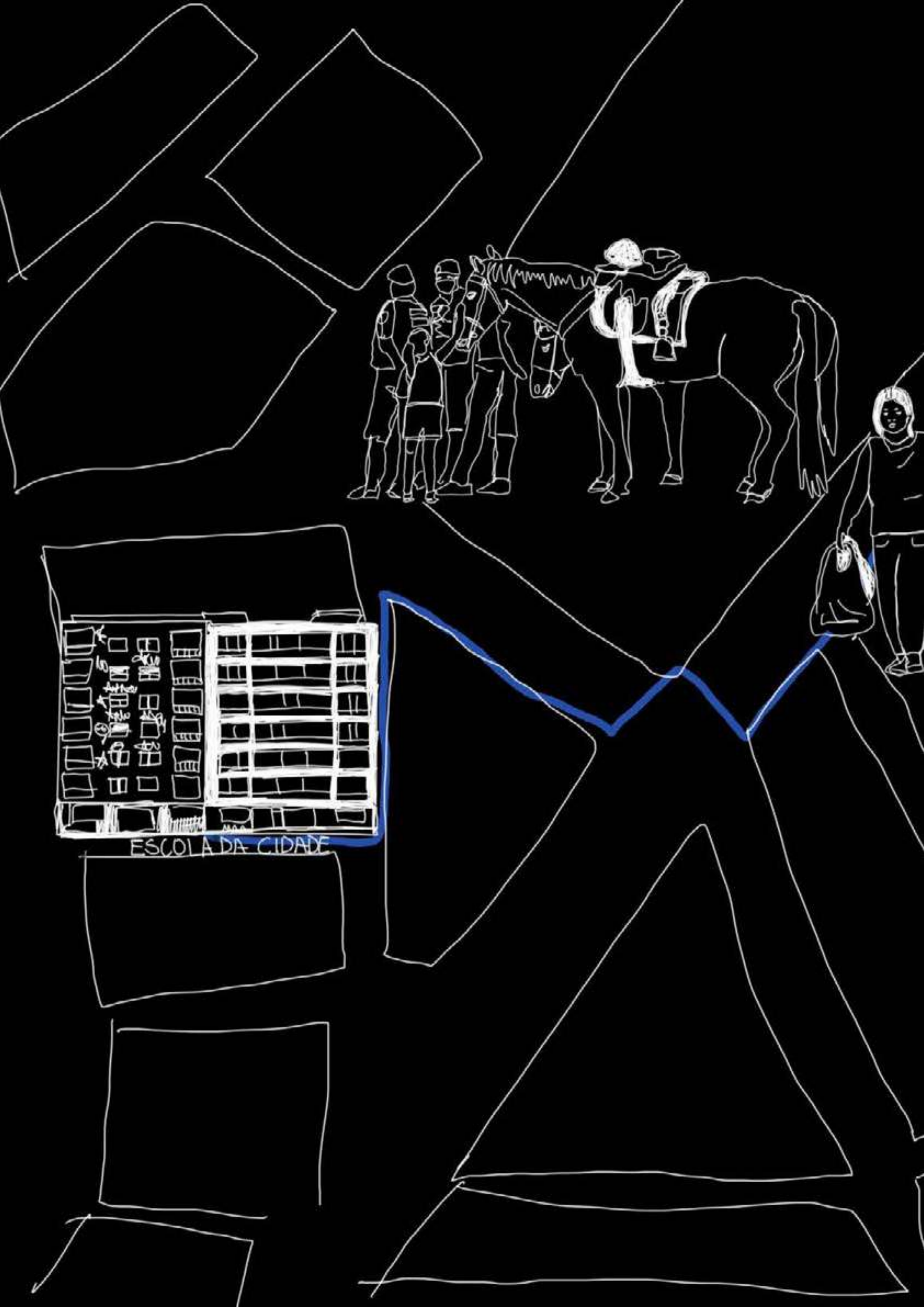
compra-se ouro e prat
"Quem é esse homem doido que compra ouro?
E quem é esse outro, mais doido, que vende?
por que iria vender - se tivesse- meu ouro?
iria tê-lo só para mim! Algo tão precioso como
ouro, como alguém iria vender? me perguntava
aos 10 anos quando me deparava com um se-
nhor vestido de uma placa COMPRA-SE OURO
no centro da cidade.



o prédio que possui os enormes "V" que me retoma a Califórnia.

Com o reggae e o rock lado a lado, culturas se chocam nessa
galeria de informações





ESCOLA DA CIDADE